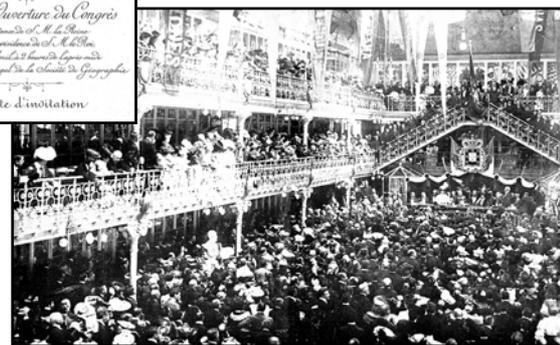


O
XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA
E O
CENTENÁRIO DO EDIFÍCIO DA ESCOLA MÉDICO - CIRÚRGICA
DE LISBOA
(FIGURAS E FACTOS)

José Luís Doria

Quando, em 1903, no Congresso de Madrid, ficou decidido que o XV Congresso Internacional de Medicina se realizaria em Lisboa, Miguel Bombarda, que aceitara o cargo de o coordenar como Secretário Geral, colocou desde logo como condição que o novo edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa estivesse pronto para acolher o evento. Telegrafou para Lisboa e obteve do governo a garantia necessária, só depois aceitou o cargo. Lisboa candidatou-se à organização e ganhou a incumbência, mas o percurso de 3 anos entre os Congressos não foi nada fácil. A todo o momento surgiram problemas, monetários e estruturais, para levar avante a construção da Escola, em Santana. A cada passo, na organização do Congresso, Bombarda enfrentou também a resistência de colegas e de influentes personalidades.

Finalmente, a 19 de Abril de 1906, sob a presidência do rei D. Carlos, o XV Congresso Internacional de Medicina iniciava-se com a Sessão Solene de Abertura, que decorreu na magnífica e superlotada Sala Portugal, da Sociedade de Geografia de Lisboa.



Convite e Sessão de Abertura do XV Congresso Internacional de Medicina, na Sociedade de Geografia de Lisboa

O discurso de Miguel Bombarda nessa sessão inaugural fornece-nos logo alguns elementos, que dizem da importância do Congresso:

- Estiveram presentes 1762 congressistas: 145 vindos dos países de língua alemã, 221 de França, 124 ingleses. Houve congressistas de Espanha, de Itália, de Inglaterra e Irlanda, da Suécia, Noruega, Rússia, Hungria, Holanda, Bélgica, da Dinamarca e dos Balcãs, da Turquia, da Grécia, Da América vieram 55 e houve ainda delegações do Brasil, da Argentina, do Chile, do México, de Cuba, ... Não faltou mesmo uma significativa representação do Japão, país que, como Bombarda assinalou, “soubera num súbito impulso avançar séculos na civilização”.

Ao todo foram mais de 35 os países representados.

- Além de várias conferências foram apresentadas mais de 500 comunicações livres, com 134 temas, distribuídos pelas 17 Secções do Congresso, algumas delas sub-divididas.

Conforme Miguel Bombarda lhe chamou: era a actualidade da ciência que estava em jogo neste “banquete científico”.

Costa Alemão, presidente do Congresso, salientou também na alocução de abertura alguns aspectos relevantes, como o papel pioneiro do rei D. Carlos nas explorações oceanográficas, ou o da rainha D. Amélia na assistência social e na luta contra a tuberculose, um e outros aspectos relacionados com temas do Congresso.

Em pinceladas breves, Costa Alemão traçou ainda o estado da Ciência Médica da época, quando decorriam 10 anos sobre a descoberta dos misteriosos raios X, feita por Roengten; quando se começava a compreender o papel dos vectores em algumas doenças, como o do mosquito no paludismo, ou o ciclo do tripanosoma na doença do sono. Passavam então dois anos desde que Roux e Metchnikoff tinham explicado melhor a sífilis e o seu agente, o treponema pálido. Havia um ano (1905), Behring prometera em Paris significativos resultados para a profilaxia e o tratamento da tuberculose, cujo agente Kock tinha isolado em 1882.

Muito havia a esperar também das aplicações da luz e das radiações, da análise dos fenómenos psíquicos, da seroterapia e das vacinas, afirmou

Costa Alemão, que prestou entretanto homenagem aos portugueses Augusto Rocha e Câmara Pestana.

Em nome do Governo, Hintze Ribeiro saudou também os congressistas e exprimiu votos de êxito, utilizando então uma frase de Camões, que propôs para divisa das Actas do Congresso. - “Dará na Medicina um Novo Lume” -, frase que o poeta escrevera para elogiar os “Colóquios” de Garcia de Orta.

Na Abertura Solene tomaram ainda palavra os representantes das Delegações de cada país. Muitos invocando o passado histórico de Portugal, nomeadamente a sua presença em África, na América, na Índia e no Japão. O representante do Mónaco, salientando as ligações entre o príncipe Alberto, o Principado e as pesquisas oceanográficas do Rei português. O Dr. Guisy, da Grécia, referindo-se à História da Medicina e enaltecendo Esculápio e Hipócrates. O delegado russo que falou da medicina militar. Ou ainda, o Dr. Dejace, da Bélgica, com uma referência directa à medicina portuguesa e aos azulejos que Jorge Colaço fizera para o novo edifício da Escola Médica, em Santana, onde representou a rainha D. Amélia de visita aos doentes no Dispensário de Alcântara, instalações que mandara edificar para a assistência às crianças da população mais desfavorecida.



A rainha D. Amélia de visita ao Dispensário de Alcântara (azulejos de Jorge Colaço no Edifício da antiga Escola Médica de Lisboa - hoje Faculdade de Ciência Médicas)

A construção do edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa não foi fácil e só chegou a bom termo graças à tenacidade de Miguel Bombarda.

Vejamos alguns factos.

Quando, após o Terramoto, o ensino médico em Lisboa foi transferido do Hospital de Todos-os-Santos para o Hospital de São José,

houve logo dificuldade em o alojar condignamente e só em 1856, virá a ter instalações próprias, num pequeno convento de frades arrábidos existente na cerca do Hospital. O ensino foi crescendo, construíram-se anexos e um excelente horto botânico, mas as velhas instalações degradaram-se a tal ponto, que no final do século XIX ameaçavam ruína eminente.

Tinha-se decidido construir um novo edifício, de raiz, ocupando o topo Sul do monte de Santana, ali, onde até 1889 estivera, durante mais de 50 anos (1831-1889), a precária praça de touros de Lisboa, que antecedeu a do Campo Pequeno.

A praça foi demolida e, em 1890, o ministro António Cândido colocava a primeira pedra de uma obra que levaria mais de 15 anos a concluir.

O projecto inicial era de José Joaquim Cabral Couceiro e José Maria Nepomuceno, mas foi modificado sob a orientação de uma comissão constituída por Arantes Pedroso, Bettencourt Pita, Curry Cabral e Miguel Bombarda. Os engenheiros Borges de Castro, Arnaut de Meneses e Abecassis, com o arquitecto Leonel Gaia, introduziram profundas alterações ao traçado original.



Projecto inicial para o Edifício da Escola Médica no Campo de Santana

As obras arrastaram-se.

À frente do futuro edifício da Escola ergueu-se em 1900 e demoliu-se de seguida, uma primeira estátua a Sousa Martins. Levantou-se depois a definitiva em 1904, que lá permanece. Sousa Martins faleceu em 1897, ou seja, sete anos depois de lançada a primeira pedra para a construção da nova Escola.

Já tinha estátua e ainda não havia Escola.



Primeira estátua do Dr. Sousa Martins

À ilhargá, onde esteve o antigo convento de Santana, foi programado, edificado e inaugurado o Real Instituto Bacteriológico, de Câmara Pestana, tudo feito entre 1898 e 1900. Começou oito anos depois e terminou seis anos antes da Escola.

O edifício escolar, hibernava.

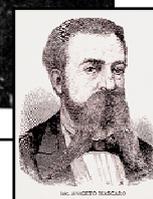
Na coordenação, Miguel Bombarda confrontou-se por várias vezes com entraves e problemas. Não só pelo ritmo de construção do edifício, onde tudo caminhava lentamente, mesmo depois da promessa de que estaria concluído para o evento, mas também porque lhe escasseava a colaboração para a organização do Congresso. O desânimo instalava-se:

- José António Serrano, que exortou na inauguração da estátua de Sousa Martins: “Não deixem cair a Escola” (1904), quando lhe foi pedida a colaboração para o Congresso aceitou a muito custo as insistências de Bombarda e com a condição de nada fazer.

Serrano foi nomeado presidente da Secção nº 1, de Anatomia, mas viria a falecer antes do Congresso e Miguel Bombarda deu a notícia no nº 5 do Boletim Oficial do Congresso.

- Gama Pinto recusara-se a colaborar com Miguel Bombarda. Sousa Refoios, de Coimbra, foi escolhido para presidir à Secção de Oftalmologia (nº11) e integrou também, como Serrano, a Comissão Organizadora. A morte levou-o nas vésperas do Congresso, abatido a tiro por um antigo discípulo.

O Boletim nº 7 do Congresso fez referência à morte de Refoios, como também noticiou a do Dr. Gomes de Resende, um outro português, que se tinha distinguido no estudo da



**Sessão de Oftalmologia em trabalhos
Gama Pinto Aniceto Mascaró**

doença do sono e que estava indigitado para secretário da 3ª Secção – a de Patologia Geral, Bacteriologia e Anatomia Patológica.

No fim, Gama Pinto recebeu até alguns congressistas em sua casa, participou no Congresso, foi vice-presidente de algumas sessões e, em plena sessão científica de Oftalmologia, terá assistido ao colapso que vitimou Mascaró, um espanhol residente em Lisboa, que entre nós foi um dos pioneiros no ensino dos cegos e deficientes visuais.

Mas, voltemos à Escola.

Um mês antes do Congresso o edifício estava finalmente quase terminado. Diz a Ilustração Portuguesa de 16 de Março de 1906:

“Dá vontade de fazer o curso outra vez! ... O novo palácio é uma desforra brilhante do primitivo barracão e da primitiva miséria. ...[Na Escadaria Nobre] vêem-se os lugares reservados para os medalhões d’alguns dos lentes



**O novo edifício da Escola Médica, em Santana
(visto das traseiras)**

ultimamente falecidos... e consta que a escolha d’estes fez cabelos brancos ao Conselho Escolar, sempre meticoloso e avaro nas consagrações que promove...”. Já lá estava então o painel da cirurgia de António Ramalho, a estátua da Ciência de Costa Motta e o vitral no tecto, de João Vaz. Nos “Passos Perdidos”, com o tecto de João Vaz , exibiam-se os

painéis de azulejo de Jorge Colaço, a que o representante belga se referiu. Na Sala dos Actos, figuravam as imponentes pinturas sobre o curso da História da Medicina, de Veloso Salgado, onde se davam os últimos retoques. No topo, o retrato em majestade do rei D. Carlos, saído da paleta de Malhoa e o tecto era ainda uma obra



Veloso Salgado nos últimos retoques do painel de Pasteur

da inspiração de João Vaz. No Gabinete Real, o tecto mostrava uma pintura alegórica de Malhoa – “Lisboa, a Ciência, o edifício da Escola e o seu

planeamento”, que era circundada pela invocação dos professores que acompanharam a sua construção e num friso em roda-tecto, as quatro Ordens Honoríficas Portuguesas.

A Ilustração Portuguesa remata: “...Estão ali, na obra até agora realizada desde os fundamentos, mil contos de reis redondos, apesar da modicidade dos preços da obra de decoração e de se ter aproveitado silharia e pedra trabalhada do velho Hospital do Desterro e do Palácio Souza Holstein, ao Calhariz. Depois de feitas as instalações técnicas ... as despesas ascenderão a mil e quinhentos contos, pelo menos. ... Se não se tivessem gasto improdutivamente quatrocentos contos em férias a operários, durante dois anos em que se não trabalhou, por não haver dinheiro para comprar material... Mas vale o que se gastou com ela. O XV Congresso de Medicina, com o seu capítulo internacional de sábios pode instalar-se e pontificar ali, sem vexame para o país que o recebe...”

No dia anterior à abertura do Congresso era inaugurado nos claustros o busto a Manuel Bento de Sousa, obra do cinzel de Teixeira Lopes.



Teixeira Lopes nos últimos retoques ao busto do Dr. Bento de Sousa

A nova Escola estava pronta! Avançava o Congresso.

As sessões científicas e as áreas para apoio aos congressistas e acompanhantes e para a organização, ocuparam a totalidade das salas do novo edifício da Escola.

Tudo estava previsto! A sala de leitura e de convívio ficou na Sala dos Actos; Uma outra sala foi reservada às senhoras. Havia um local para venda de jornais e de tabaco; um posto de telégrafo e outro de telefone; um banco e uma agência de viagens; um local que tratava dos alojamentos e transportes; uma sala



Na sala dos actos: Correspondência e leitura dos jornais durante o Congresso

A sala de correspondência e leitura foi instalada na Sala dos Actos

de dactilografia; uma sala para a imprensa e até um gabinete privado para que os congressistas pudessem receber as suas visitas.

Onde é hoje o teatro anatómico, na altura a sala mais espaçosa do edifício, decorreram as 10 Conferências do Congresso, enquanto que as reuniões das 17 Secções se dividiram pelos 3 anfiteatros maiores e por outras salas e anfiteatros, mais pequenos.

Numa sala para demonstrações decorreram sessões experimentais de cirurgia e de patologia geral, de fonendoscopia, os ensaios sobre o cancro e sobre os glóbulos sanguíneos. Houve ainda uma sala para projecções dos filmes, onde pontificou o francês Doyen.



O anfiteatro das projecções

O Programa Científico do Congresso ficou registado nos 21 livros de Actas, que se seguiram no espaço de um ano após a reunião.

Seria fastidioso enumerar todos os assuntos tratados. Deixo apenas algumas referências.

Na Secção I, de Anatomia, tratou-se da nomenclatura e das bases de classificação; das glândulas de secreção interna; das conexões nervosas; dos leucócitos, já com uma visão do seu papel no que viria a ser a imunologia.

Na Fisiologia, Secção II, falou-se das toxinas; da coagulação do sangue; do valor alimentar do álcool e da teoria da digestão de Pavlov.

Na Patologia Geral, Bacteriologia e Anatomia Patológica (Secção III) abordou-se a teoria parasitária do cancro; as inoculações preventivas e os sôros; a tripanosomíase e as doenças por protozoários.

Na Terapêutica e Farmacologia (Secção IV), discutiu-se o tratamento das doenças infecciosas e do cancro; o papel terapêutico das radiações, do calor e do frio.

Na Medicina, Secção V, o programa foi muito vasto, passando pela diabetes, a hipertensão arterial, as meningites, a cirrose e necessariamente a tuberculose.

Em Pediatria (Secção VI), com sub-secções médica e cirúrgica, abordou-se a “surmenage” escolar, o raquitismo, os perigos e vantagens do leite na alimentação, a anestesia nas crianças.

Em Neurologia, Psiquiatria e Antropologia Criminal, a 7ª Secção, tratou-se das demências, das psicoses e paranóias, mas também da reforma penal sob o ponto de vista psiquiátrico e antropológico. Só nesta secção os temas recomendados foram 33.

Em Dermatologia e Sifilografia (Secção VIII) foi curioso o debate entre as hipóteses admitidas para a hereditariedade da lepra e as formas hereditárias e de contágio da sífilis.

Na Cirurgia, Secção IX, falou-se da anestesia raquidana e Alexis Carrel abordou a cirurgia vascular e as anastomoses dos vasos sanguíneos.

Medicina e Cirurgia das Vias Urinárias, a Secção X, Oftalmologia, Secção XI, Rino-Laringologia, Estomatologia e Otologia (Secção XII), Obstetrícia e Ginecologia (Secção XIII), trataram de temas diversos como as formas de anestesia e os equipamentos nas suas áreas específicas, mas todas elas se debruçaram também sobre a infecção pela tuberculose.

Em Higiene e Epidemiologia (Secção XIV) foram discutidos temas sobre a poluição e a reciclagem, os vegetarianos, a falsificação de alimentos, o saneamento e os regulamentos sanitários e de controlo das epidemias: de peste, de febre amarela, da febre tifóide,....

As três últimas Secções (XV, XVI e XVII) trataram da Medicina Militar, da Medicina Legal, que abordou a relação do segredo médico com a legislação e da Medicina Colonial e Naval.

Diversas personalidades que marcaram a Medicina estiveram entre nós, para participar no XV Congresso Internacional. Citarei apenas: Ramon y Cajal, Metchnikoff, Neisser, Landsteiner, Axenfeld, Waldeyer, Pierre Robin, Pinard, Ehrlich, Osvaldo Cruz e Chagas.

O Programa Social foi diversificado, com recepções oficiais e privadas: um “Garden-party” oferecido pela Casa Real na tapada das Necessidades; uma tourada em Vila Franca; um passeio a Monserrate; exibição de grupos folclóricos ...

Das recomendações feitas pelas Secções do Congresso e pela Comissão Executiva, ressaltam:

- **A mudança do nome de Medicina Colonial para Medicina Tropical.**
- **A criação de áreas individualizadas de Pediatria, Otorrinolaringologia e Estomatologia, nos estudos médicos.**
- **A criação de serviços hospitalares de Dermatologia e de Estomatologia.**
- **O estabelecimento de nomenclaturas apropriadas em diversas áreas médicas.**
- **A regulamentação de medicamentos e a proibição da sua venda em locais não adequados.**
- **O estabelecimento de uma luta concertada contra a lepra e a tuberculose.**
- **A protecção aos emigrantes, sanitária e social.**
- **A assistência aos presos alienados.**
- **A criação, em Lisboa, de uma estação de biologia e de um instituto de química biológica, para cientistas nacionais e estrangeiros, de onde resultou a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, que se instalou no Aquário Vasco da Gama.**
- **A criação de uma comissão para o estudo do cancro, que levaria Francisco Gentil a dedicar-se a essa causa e, anos depois, à abertura do Instituto Português de Oncologia**



Sessão da Imprensa Médica

O Congresso foi um êxito. A

organização meticulosa e irrepreensível. Toda a imprensa falou dele.

Portugal mereceu os elogios de todas as representações. O País e a medicina portuguesa firmavam-se mais na comunidade científica internacional.

Em particular, Miguel Bombarda foi rodeado de elogios. Em agradecimento os médicos portugueses mandaram cunhar uma medalha com a sua efígie.

... Anos depois, na varanda sobre os claustros do edifício da Escola Médica, oferecido por Francisco Gentil, era inaugurado o busto de Miguel Bombarda, que a morte entretanto levara, morto a tiro, por um doente, 4 anos após o Congresso, na véspera da implantação da República.



Medalha de agradecimento a Miguel Bombarda

O ensino médico só ocupou o seu lugar no edifício de Santana, 5 anos depois do Congresso, em 1911, quando após a República, a Escola Médico-Cirúrgica foi convertida em Faculdade de Medicina.

Em meados da década de 50 a Faculdade de Medicina de Lisboa mudou-se para o Hospital de Santa Maria. No edifício da Escola Médica está hoje instalada a Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade Nova de Lisboa.

A Ordem dos Médicos irá comemorar este memorável Congresso e seria interessante analisar, no seio das actuais áreas médicas, as suas consequências e a história médica dos cem anos que dele nos separam.

Lisboa, Junho de 2006